

## ARTIGO 2

### A IMPORTÂNCIA DA DOCTRINA DA PERSEVERANÇA DOS SANTOS PARA A VIDA CRISTÃ

Leonardo Bessa Bastos GONÇALVES\*

**RESUMO:** A doutrina da Perseverança dos Santos ensina que os crentes regenerados e vocacionados não cairão da graça de forma irremediável, pois serão preservados incondicionalmente. O objetivo consiste em demonstrar a importância desse conhecimento para a vivência cristã, verificando o seu amparo bíblico, o seu testemunho histórico-confessional. Propõe-se, portanto, que a doutrina conduz o cristão a uma fé consistente na esperança em Cristo, responsiva diante do serviço e resistente diante das objeções e tribulações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Calvinismo; Perseverança; Vida cristã.

---

\* Bacharel em Teologia pela Faculdade Presbiteriana Sul Brasileira (FATESUL); Professor na Faculdade Presbiteriana Fatesul; Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, Jardim Aristocrata, em São José dos Pinhais (IPB); Email: [leo\\_bessa@hotmail.com](mailto:leo_bessa@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

Para a Teologia Reformada não existe tema irrelevante, pois perto ou longe, concordando ou discordando, todos os temas da vida são ou serão alcançados pelo olhar teológico. Temas bíblicos como eleição, predestinação, vocação, justificação, glorificação e etc., já foram tratados e excepcionalmente aprofundados na literatura quanto à sua importância para vida cristã. Há, dentre estes, um tema de fundamental relevância para o cristão, embora por vezes desacreditado ou desconsiderado. A Perseverança dos Santos, de acordo com a teologia reformada, é a doutrina que traduz a correta compreensão a respeito do soberano amor redentivo e, ao mesmo tempo, da vivência coerente a esta salvação.

No texto neotestamentário há várias passagens que, da mesma maneira, constata a veracidade da doutrina da Perseverança dos Santos. A eficácia da vocação e da santificação a fim de preservar o cristão até o fim está apontada, por exemplo, na passagem de João 10:27-29 e Romanos 8.31-39.

A doutrina, referência para o presente trabalho, foi coletada na Confissão de Fé de Westminster (1647 d.C.) conforme segue:

I. Os que Deus aceitou em seu Bem-amado, os que ele chamou eficazmente e santificou pelo seu Espírito, não podem decair do estado da graça, nem total, nem finalmente; mas, com toda a certeza hão de perseverar nesse estado até o fim e serão eternamente salvos.

II. Esta perseverança dos santos não depende do livre arbítrio deles, mas da imutabilidade do decreto da eleição, procedente do livre e imutável amor de Deus Pai, da eficácia do mérito e intercessão de Jesus Cristo, da permanência do Espírito e da semente de Deus neles e da natureza do pacto da graça; de todas estas coisas vêm a sua certeza e infalibilidade.

III. Eles, porém, pelas tentações de Satanás e do mundo, pela força da corrupção neles restante e pela negligência dos meios de preservação, podem cair em graves pecados e por algum tempo continuar neles; incorrem assim no desagrado de Deus, entristecem o seu Santo Espírito e de algum modo vêm a ser privados das suas graças e confortos; têm os seus corações endurecidos e as suas consciências feridas; prejudicam e escandalizam os outros e atraem sobre si juízos temporais. (A Confissão de Fé de Westminster, 2001, p. 135-139)

Esta doutrina trata dos efeitos perenes da redenção decretada por Deus, consumada através da Obra de Cristo e

selada pelo Espírito Santo aos eleitos. Trata também da expectativa que o eleito deve ter como reflexo da nova vida como regenerado. Há, no entanto, entre a ação redentiva de Deus e o futuro plenamente redimido do cristão, um extenso campo de reflexão, no qual, pode ser feita a seguinte pergunta: “Qual é a importância desta doutrina para a vida cristã?”.

Visando responder o questionamento, este trabalho teve por objetivo verificou-se a percepção e expansão deste conceito durante a história da Igreja, através de análise das obras de importantes autores e documentos confessionais da Igreja. A partir de pesquisa bibliográfica foi levantada a estrutura da doutrina, sua história e contemporaneidade. Propôs-se uma coleta de dados biográficos, doutrinários, teológico-sistemáticos de diversos grupos em momentos históricos distintos, assim como artigos, pesquisas e documentos disponíveis em internet.

## 1. A PERSEVERANÇA DOS SANTOS NOS PAIS DA IGREJA

Há um grupo de homens que, após Cristo e os Apóstolos, foram a grande referência pastoral e docente da igreja primitiva. Com a morte dos apóstolos, eles ficaram responsáveis pelo cuidado e reto ensino de tudo o que receberam do Evangelho. Estes foram denominados Pais da Igreja, e sua influência se estende pelos séculos. Sobre estes Pais, Steven Lawson diz:

Foram os primeiros pastores e teólogos da era cristã. Foram os filósofos e apologistas dos séculos embrionários da igreja, defensores da verdade que resistiram aos ensinamentos heréticos. Foram os homens fiéis que tomaram sua posição nos sólidos fundamentos da graça soberana. (2013, p. 33)

Clemente de Roma (30-100 d.C.), o presbítero principal na igreja de Roma (CAIRNS, 2008, p. 62), é citado por Lawson: “Mas se algum daqueles a quem Deus quer fazer participante da graça do arrependimento, mais tarde perecesse, onde estaria sua vontade onipotente?” (CLEMENTE apud LAWSON, 2013, p. 84). Também diz Clemente (apud LAWSON, 2013, p. 84):

“Rogaremos com ardente oração e súplica que o criador do universo guarde intato o número preciso de seus eleitos no mundo inteiro, através de seu amado Filho Jesus Cristo”. Clemente, esclarece por este fragmento que cria na soberana vontade de Deus, preservador dos seus amados, ao mesmo tempo em que afirma um número preciso de eleitos que seria guardado intacto em Cristo.

A igreja que se espalhava por todo o mundo teve, no norte da África, uma importante expressão de fé. Os pais africanos foram de salutar relevância para o movimento apologista, que veio como uma tentativa de elucidar e explicar do que se tratava a fé cristã. Um de seus representantes foi Tertuliano de Cartago (160-220 d.C.). Tertuliano procurou defender os cristãos de falsas acusações e da perseguição (CAIRNS, 2008, p. 97). Neste ambiente apologista, o reativo Tertuliano teve um calmo discípulo chamado Cipriano (±200-258 d.C.). Nas palavras de Lawson:

Deus levantou um homem chamado Cipriano de Cartago, o qual se tornou um abençoado líder e mestre das Escrituras. Ele veio a ser um instrumento no avanço do Cristianismo primitivo. Ademais,

Cipriano ensinava as doutrinas da graça com mais clareza do que qualquer homem fizera desde os apóstolos. Ele foi um dos primeiros pensadores a conectar a soberania absoluta de Deus com a aplicação da salvação aos pecadores espiritualmente mortos. Ao fazer isso, passou a ser um dos primeiros a promover os dogmas da regeneração monergista. Tão importante foi Cipriano na história da igreja africana e Cristianismo ocidental, que foi citado por João Calvino mais do que qualquer outro Pai da Igreja antes de Agostinho. (2013, p. 166)

A perspectiva teológica da graça divina de Cipriano o encaminhou para a compreensão de que a salvação está perfeitamente segura em Cristo, e, assim, um crente verdadeiro não poderia perder a salvação. Citando-o, Lawson escreve:

E assim nada há que possa quebrar a união entre Cristo e a Igreja, isto é, as pessoas que estão estabelecidas no seio da Igreja e que firme e fielmente perseveram em suas convicções: Cristo e sua Igreja devem permanecer sempre atados e jungidos um ao outro por um amor indissolúvel. (2013, p. 180)

Cipriano demonstrou crer que a qualidade do amor de Cristo para com a Igreja é de tão perfeita condição que esse tipo de relação é indestrutível. Ao passo que, também, afirma a necessidade de o cristão firmemente perseverar em sua fé. Pode

surgir uma impressão que existem dois agentes que contribuem para a salvação, porém citando Romano 8:35. Deste modo, para Cipriano há uma força no amor de Cristo, maior que qualquer outra, impedindo que essa relação seja quebrada. Para ele, era impossível que, uma vez unido a Cristo, alguém possa separar-se. Essa percepção é confirmada quando responde ao questionamento sobre aqueles que estavam unidos aos crentes, mas se desviaram:

Pois é impossível que alguém pereça, a menos que seja claro e evidente que o mesmo esteja perdido, visto que o Senhor diz em seu próprio evangelho: “Toda planta que meu Pai Celeste não plantou será arrancada.” Por conseguinte, todo aquele que não foi plantado nos preceitos e nos conselhos de Deus Pai, somente esse pode apartar-se da Igreja. [...] Mas todos os demais, pela mercê de Deus Pai, pela compaixão de Cristo, nosso Senhor e nossa própria paciência, serão reunidos conosco. (apud LAWSON, 2013, p. 181)

Cipriano propôs uma perspectiva significativamente radicada nas Escrituras, a ponto de concluir que o cristão perseverará na fé, ao mesmo tempo em que é preservado pelo imutável amor de Deus. Estes ensinamentos são claramente



concordantes com o confessado pela doutrina da Perseverança dos Santos da C.F.W.

Agostinho, em face dos outros pais da igreja, em suas poderosas obras, aprofundou e defendeu de forma mais contundente temas importantes como a Perseverança dos Santos, porém, não se observa que houve alguma verdadeira inovação teológica na soteriologia agostiniana. Não se confirma, posto que outros grandes nomes como Clemente de Roma, Cipriano de Cartago e Basílio de Cesaréia, anteriormente, já haviam declarado que Deus preservaria os seus escolhidos até o fim. Por isso, apesar de a doutrina ter sido profundamente lapidada pelo labor histórico-pastoral-teológico de Agostinho, não foi um ensino inaugurado por ele. Agostinho não inovou sobre a soberania divina, nem sobre o amor eletivo divino, nem sobre a perseverança dos escolhidos, mas os desenvolveu harmoniosamente.

Tendo em vista a doutrina da perseverança dos Santos, os seguintes trechos de obras de Agostinho estão de acordo com o texto exposto no Capítulo XVII da C.F.W. Para o primeiro ponto, que trata da certeza da perseverança para aqueles que

foram chamados e regenerados, temos a seguinte citação da obra “O Dom da Perseverança”:

Devo agora discorrer profundamente sobre a perseverança, do qual tratamos um pouco no primeiro livro ao focar o problema do começo da fé. Afirmamos então ser dom de Deus a perseverança com a qual se persevera no amor a Cristo até o fim. O fim a que me refiro é o término desta vida, na qual e somente nela há o perigo de pecado. Por isso, fica sempre a incerteza se alguém alcançou este dom durante sua caminhada terrestre. Se alguém vir a cair em pecado antes da morte, é sinal de que não perseverou; é sinal revestido da maior certeza. (AGOSTINHO, 2010, p. 213)

Neste texto, fica clara a visão de Agostinho sobre a ação poderosa de Deus encaminhando o crente até o fim da vida na firme convicção de ser Cristo o seu Senhor e Salvador. Em outras palavras, para Agostinho, aquele que crê em Cristo até o fim será salvo, e somente crerá até o fim aquele que recebeu de Deus o dom da perseverança. Estes, que receberam o dom de perseverar, são os eleitos de Deus.

Agostinho demonstrou ser um grande teólogo que defendeu a doutrina da graça de forma magistral. Seu labor foi reconhecido por outros grandes homens de fé, que,

concordando com suas explicações bíblicas, também defendiam as doutrinas da Soberana e Graciosa vontade de Deus. Portanto, é correto afirmar que a teologia agostiniana é evocada no texto da C.F.W. quando discorre sobre a Perseverança dos Santos.

## **2. A PERSEVERANÇA DOS SANTOS NOS REFORMADORES**

Lutero (1483-1546 d.C.) foi o reformador alemão, que, em 31 de outubro de 1517 d.C., afixou suas 95 teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, onde condenava os abusos da Igreja Católica pelo sistema das indulgências e desafiava a todos que tomassem conhecimentos delas para um debate sobre o assunto (CAIRNS, 2008, p. 260). Lutero tinha uma forte adesão às doutrinas da graça.

Na obra traduzida com título “Nascido Escravo”, Lutero afirma que a salvação pertence a Deus, não somente em proposição, mas especialmente mantendo e preservando aquele que é alcançado por Sua graça. Ele diz:

Se a minha salvação fosse deixada ao meu encargo, eu não conseguiria enfrentar vitoriosamente todos os perigos, dificuldades e demônios contra os quais teria de lutar. Porém, mesmo que não houvesse inimigos a combater, eu jamais poderia ter a certeza do sucesso. Eu jamais poderia ter a certeza de haver agradado a Deus, ou se haveria ainda alguma coisa que precisaria fazer. Posso provar isso mediante a minha própria dolorosa experiência de muitos anos. Porém, a minha salvação está nas mãos de Deus, não nas minhas. Ele será fiel à sua promessa de salvar-me, não com base no que eu faço, mas em conformidade com a sua grande misericórdia. Deus não mente, e não permitirá que o meu adversário, o diabo, me arranque de suas mãos. (LUTERO, 2007, p. 39)

Lutero cria que a misericórdia divina era a condição fundamental para a perseverança final. Lawson observa que Lutero afirmava que a graça soberana de Deus preserva a salvação dos eleitos. Esclarecendo diz:

“Quando o tens como teu pastor, seguramente nada te faltará. Sim, já tens o que terás - vida eterna. Jamais perecerás. Nenhuma força será tão grande e poderosa que possa arrebatá-lo de suas mãos. Disso podes estar bem certo. Pois a voz deste pastor seguramente não te extraviará”. De maneira semelhante, ao explicar João 10, Lutero parafraseou as palavras de Cristo como as palavras de sua ovelha, dizendo: “Jamais perecerei, nem alguém me arrebatará de sua mão; terei a vida eterna (Jo 10.28). E ele manterá esta

promessa, não importa o que me suceda.” Lutero era confiante sobre a eterna preservação de cada crente. Ele entendia que nenhum dos eleitos pode ser arrebatado da mão do Pai. Ao explicar 1 João 2.19, Lutero afirmava que a perseverança é uma marca dos que são realmente salvos. Ele diz: “O dia revelará os que foram dos nossos e nasceram do evangelho da verdade, e vice-versa. ‘Pois se fossem dos nossos, teriam continuado conosco. Ele sabia que todos os que estão em Cristo jamais perderão sua salvação. Inversamente, os que professam a Cristo, porém apostatam, revelam que não fazem parte do número dos eleitos. (2013, p. 532)

Portanto, Lutero crê que aqueles que perseveraram até o fim são os que realmente nasceram do evangelho, mas os que apostatam, na verdade não foram chamados e nem regenerados. Verifica-se que a doutrina de Martinho Lutero, o grande reformador alemão, quanto à Perseverança dos Santos é refletida na doutrina exposta pela Confissão de Fé de Westminster.

Zwinglio (1484-1531 d.C.), reformador suíço, cria também na autoridade exclusiva das Escrituras e na justificação pela graça mediante a fé somente (NOLL in ELWELL, 1990, vol. III, p. 656). Em 1522 d.C., marcou o seu rompimento com a

Igreja Romana, afirmando a sua teologia com muitos elementos agostinianos. Duas grandes doutrinas foram fundamentais na teologia de Zwinglio: a supremacia das Escrituras e a soberania de Deus em sua providência e graça eletiva. A teologia de Zwinglio estava realmente centrada em Deus (LAWSON, 2013, p. 551). Lawson, traçando paralelos da teologia zwingliana com a doutrina da Perseverança dos Santos, diz:

Zwinglio mantinha ainda a segurança eterna do crente. Ele afirma: “A fé é tão eficaz, uma medicina tão direta e forte, que os que a sorvem estão a salvos e seguros”. Ainda que os eleitos possam se tornar temporariamente emaranhados no pecado, Zwinglio ensinava que permanecem seguros na graça. Diz ele: Mesmo que um dos eleitos caia em pecados horríveis como os inventados pelos ímpios e réprobos; para os eleitos, esses são uma razão para se levantarem outra vez, enquanto que, para os réprobos, são uma razão para desespero. Davi, Paulo, Madalena, o ladrão, entre outros, deram testemunho disto”. Os eleitos de Deus nunca podem apostatar da graça salvífica. Além do mais, Zwinglio dizia que os crentes têm a certeza de sua eleição e salvação. O fato de que têm crido em Cristo é uma clara indicação de que foram eternamente ordenados por Deus à vida eterna: “Os crentes sabem que são eleitos; pois os que creem são ordenados à vida eterna.” (2013, p. 562)

Fica compreendido que o entendimento da perseverança do verdadeiro cristão estava presente também na soteriologia de Zwinglio. O reformador suíço tinha confiança na preservação e perseverança divinas, assim como exposto na C.F.W.

Calvino (1509-1564 d.C.), pai da doutrina e da teologia reformada, nasceu em Noyon, França. Estudou direito, mas após a morte de seu pai decidiu ir à Paris e dedicou-se à literatura clássica, que era seu principal interesse. Após a sua conversão em Paris, precisou fugir sob acusação de simpatia aos protestantes. Foi para Basileia e lá escreveu a primeira edição de sua obra “As Institutas da Religião Cristã”. Em Genebra, após um encontro com o pastor Guillaume Farel, foi que desenvolveu a maior parte de seu ministério pastoral e teológico (FERREIRA, 2014, p. 216, 217).

Calvino (2006, v. III, p. 41), em sua obra mais importante, “As institutas”, trata da salvação do eleito como a demonstração do eterno e imutável conselho de Deus, e, neste conselho, decreta que começará e completará a Sua obra até o dia de Cristo (2006, v. I, p. 123). Ele diz:

Porque, como o Senhor, ajudando-nos, supre-nos do que nos falta, quando a Sua obra se manifesta em nós, assim também fica fácil entender a nossa pobreza. Quando o apóstolo diz aos filipenses 3:16 que está “plenamente certo de que aquele que começou boa obra neles há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus”, não há dúvida nenhuma de que, ao falar do começo dessa boa obra, ele se refere à origem da conversão deles, quando a vontade deles foi voltada para Deus. Porque o Senhor começa em nós Sua obra infundindo em nosso coração o amor, o desejo e o estudo do bem e da justiça (ou, para falar com mais propriedade), inclinando, formando e dirigindo o nosso coração para a justiça, Ele aperfeiçoa e completa a Sua obra, fortalecendo-nos na perseverança. E a fim de que ninguém fique inquieto pelo fato de que o bem é iniciado em nós por Deus, tanto mais que a nossa vontade, em si mesma muito fraca, é ajudada por Ele, o Espírito Santo declara e determina noutra passagem que a vontade se abandone a Seu cuidado: “Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne; para que andem nos meus estatutos”. (2006, v. I, p. 122)

Calvino percebe a salvação como obra divina operada no eleito, não dependente da vontade humana, mas nela e através dela. Deus, então, implanta a Sua vontade dando um coração novo ao verdadeiro crente. Assim, ele conclui que a perseverança, longe de ser uma condição ou habilidade



humana, é, na verdade, um dom gratuito de Deus (TOKASHIKI, 2004, p. 18). Advertindo sobre isso, ele afirma:

É minha convicção, pois, que os crentes devem estar atentos a esta bênção – que quanto melhor uso fizerem das graças de Deus, outras novas e mais grandiosas lhes serão acrescentadas diariamente. Mas, por outro lado, digo que esse bom uso é de Deus, e que essa remuneração provém de Sua benevolência gratuita. Foi isso que o apóstolo Paulo a declarou especificamente. Porque, após haver dito que “Deus é quem efetua em nós tanto o querer como o realizar”, imediatamente acrescenta que Ele faz tanto uma coisa como a outra “segundo a sua boa vontade”, referindo-se com essa expressão à benignidade gratuita de Deus. (CALVINO, 2006, v. I p. 128)

A teologia de Calvino permeou a igreja reformada, até chegar a vários concílios e confissões. Um destes importantes concílios foi o Sínodo de Dort, onde foi exposta, talvez mais sistematicamente, a teologia de Calvino. Sobre o Sínodo de Dort, um breve histórico está disponível no próximo ponto, dada a importância deste Concílio para a compreensão desta doutrina.

### 3. A PERSEVERANÇA DOS SANTOS NAS CONFISSÕES REFORMADAS

Os Credos da Reforma, ou confissões de fé, tinham três objetivos, como explica o Hermisten Maia. Primeiramente, assim como os credos, tinham a prerrogativa de evidenciar os fundamentos bíblicos de seus ensinamentos. Secundariamente, demonstrar que as suas doutrinas estavam em estrito acordo com os principais credos. Por fim, distinguir a sua posição teológica em relação à teologia romana e às demais correntes provenientes da reforma (COSTA, 2014, p. 76). Sobre isso, Campos assinala:

As igrejas reformadas sempre primaram pela elaboração de credos e confissões. É característica das mesmas serem confessionais. Com base nas afirmações confessionais da Escritura, as Igrejas reformadas viram a necessidade de possuírem uma identidade teológica. (1997, p. 5)

A Confissão Escocesa (1560 d.C.), em seu 12º capítulo, que trata da Fé no Espírito Santo, professa que a fé é gerada no coração do homem, por ser um dom divino, posto que o homem é incapaz de tal condição por causa do pecado. Além disso,

afirma que a obra de salvação iniciada por Deus será mantida por Ele mesmo na vida daquele que é regenerado e santificado.

Ela diz:

[...] Para deixar isto ainda mais claro: como de boa vontade renunciamos a qualquer honra e glória pela nossa própria criação e redenção, assim também o fazemos pela nossa regeneração e santificação, pois por nós mesmos nada de bom somos capazes de pensar, mas só aquele que em nós começou a obra nos faz continuar nela, para o louvor e glória de sua graça imerecida. (KNOX, 1560)

Este capítulo não poderia ser finalizado sem tratar do concílio holandês ocorrido na cidade de Dordrecht entre 1618-1619 d.C. Nele foi delineada claramente a estrutura doutrinária calvinista a respeito da Perseverança dos Santos, que foi fonte primária para a posterior Confissão de Fé de Westminster (1643 d.C.), a qual é a referência teológica do presente trabalho.

A convocação foi realizada diante da controvérsia levantada por Jacobus Armínius. Armínio estudou na Universidade de Leyden, centro de estudo teológico calvinista na Holanda. Em Genebra, foi aluno de Theodore Beza, sucessor de João Calvino. Após um período de pastoreio, tornou-se

professor em Leyden e, entendendo a graça divina de forma diversa de seus professores, começou uma tentativa de mudar o calvinismo (CAIRNS, 2008, p. 293). Essa controvérsia atingiu uma projeção nacional, posto que Armínio pediu que fosse realizada uma revisão das confissões de fé. Muito embora fosse sua vontade participar deste concílio, foi impedido devido o seu falecimento em 1609 d.C. vítima de tuberculose (Os Cânones de Dort, 2014, p. 8).

A perseverança é muito bem exposta:

3. Por causa dos seus pecados remanescentes e também por causa das tentações do mundo e de Satanás, aqueles que têm sido convertidos não poderiam perseverar nesta graça, se deixados ao cuidado de suas próprias forças. Mas Deus é fiel: misericordiosamente os confirma na graça, uma vez conferida sobre eles, e poderosamente preserva a eles na sua graça até o fim.

4. O poder de Deus, pelo qual Ele confirma e preserva os verdadeiros crentes na graça, é tão grande que isto não pode ser vencido pela carne. Mas os convertidos nem sempre são guiados e movidos por Deus, e assim eles poderiam, em certos casos, por sua própria culpa, se desviar da direção da graça, e ser seduzidos pelos desejos da carne e segui-los. Devem, portanto, vigiar constantemente e orar para que não caiam em tentação. Quando não vigiarem e orarem, eles podem ser levados pela carne, pelo mundo e por Satanás para

sérios e horríveis pecados. Isto ocorre também muitas vezes pela justa permissão de Deus. A lamentável queda de Davi, Pedro e outros santos, descrita na Sagrada Escritura, demonstra isto.

5. Por tais pecados grosseiros, entretanto, eles causam a ira de Deus, se tornam culpados da morte, entristecem o Espírito Santo, suspendem o exercício da fé, ferem profundamente suas consciências e algumas vezes perdem temporariamente a sensação da graça. Mas quando retornam ao reto caminho por meio de arrependimento sincero, logo a face paternal de Deus brilha novamente sobre eles.

6. Pois Deus, que é rico em misericórdia, de acordo com o imutável propósito da eleição, não retira completamente o seu Espírito dos seus, mesmo em sua deplorável queda. Nem tão pouco permite que venham a cair tanto que recaiam da graça da adoção e do estado de justificado. Nem permite que cometam o pecado que leva à morte, isto é, o pecado contra o Espírito Santo e assim sejam totalmente abandonados por Ele, lançando-se na perdição eterna.

8. Assim, não é por seus próprios méritos ou força, mas pela imerecida misericórdia de Deus que eles não caíam totalmente da fé e da graça e nem permaneçam caídos ou se percam definitivamente. Quanto a eles, isto facilmente poderia acontecer e aconteceria sem dúvida. Porém, quanto a Deus, isto não pode acontecer, de modo nenhum. Pois seu decreto não pode ser mudado, sua promessa não pode ser quebrada, seu chamado em acordo com seu propósito não pode ser revogado. Nem o mérito, a intercessão e a preservação de Cristo podem ser invalidados, e a

selagem do Espírito tão pouco pode ser frustrada ou destruída. (Os Cânones de Dort, 2014, p. 47-51)

Cada um dos cinco artigos citados é harmonioso com o exposto no Capítulo XVI da Confissão de Westminster. Os demais, que foram aqui omitidos, são correlatos, porém assumindo outros temas como a Regeneração, Certeza da Salvação e Santidade.

Portanto, observa-se que historicamente há um forte reflexo da doutrina da Perseverança dos Santos nos documentos produzidos pela Igreja Protestante em uma fase de definições doutrinárias. Percebe-se que houve uma histórica e contínua linha doutrinária, que saindo dos apóstolos chegou até o século XVI.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto no presente trabalho, conclui-se que a doutrina da Perseverança dos Santos tem conciso amparo bíblico, pois é visualizada no Novo e Antigo Testamento. Tem considerável e relevante atuação histórica/confessional, pois

em todo o desenvolvimento histórico da igreja foi percebida e defendida. Tem aplicação teológica/prática apontando à vivência cristã equilibrada e coerente. Sua importância foi constatada, pois direciona o crente a uma vida devocional humilde e esperançosa, produzindo uma segura paz e frutífera maturidade cristã.

A compreensão do cuidado perene de Deus atrairá o crente ainda mais a Cristo, o fará confiar consistentemente na graça, levando-o a caminhar em temor e santidade. Assim, o cristão poderá viver com piedoso vigor, rejeitar a ansiedade circunstancial e a passageira vergonha pecaminosa, e lembrar que ninguém, e nada, poderá separá-lo do Amor de Deus que está em Cristo.

## REFERÊNCIAS

**A Confissão de Fé de Westminster. 17<sup>a</sup>. ed.** São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

AGOSTINHO, S. **A Graça (II).** 3<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Paulus, v. 13, 2010.

CAIRNS, E. E. **O Cristianismo através dos Séculos. Uma História da Igreja Cristã.** 3ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CAMPOS, H. C. D. **A Relevância dos Credos e Confissões.** Fides Reformata Online, São Paulo, 1997. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME\\_II\\_\\_1997\\_\\_2/a\\_relevancia.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_II__1997__2/a_relevancia.pdf)>. Acesso em: 04 out. 2016.

CALVINO, J. **As Institutas. Edição Especial com notas de Estudo.** São Paulo: Cultura Cristã, v. I, II, III, IV, 2006.

COSTA, H. P. D. **Eu creio - no Pai, no Filho e no Espírito Santo.** São José dos Campos: Fiel, 2014.

ELWELL, W. A. **Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã.** São Paulo: Edições Vida Nova, v. I, II, III, 1990.

FERREIRA, F. **Servos de Deus, espiritualidade e teologia na história da igreja.** São José dos Campos: Fiel, 2014.

KNOX, J. Monergismo.com. **A Confissão de Fé Escocesa,** 1560. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao\\_escocesa.htm](http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_escocesa.htm)>. Acesso em: 04 out. 2016. Revisão por Franklin Ferreira.

LAWSON, S. J. **Pilares da graça – 100 -1564 d.C.** São José dos Campos: Fiel, v. 2, 2013.



LUTERO, Martinho. **Nascido Escravo, versão condensada do clássico "A escravidão da vontade"**. Tradução de Editora Fiel. 2ª. ed. São José dos Campos: Fiel, 2007.

**OS Cânones de Dort**. 2ª. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

TOKASHIKI, E. B. **Monografia (M. Th.)** - Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper. **A doutrina da perseverança dos santos em Calvino**, São Paulo, 2004.